

# Brasilienses nascidos na cidade são 44% do total

MILENA GALDINO

Nesse retângulo de 5,8 mil km<sup>2</sup> é possível encontrar gente vinda de todo canto. Nas ruas sem esquina do Plano Piloto, nos cruzamentos de Taguatinga ou nas feiras abertas espalhadas pela Ceilândia, paraibanos e americanos se esbarram. Mineiros viram goianos, goianos viram cariocas e todos, sem dúvida, já provaram bombom de cupuaçu.

Os moradores dessa terra, profetizada por Dom Bosco e executada por JK, não têm uma cara só. Têm dez, cem, mil, milhões, dependendo de onde surgiram. Segundo dados da Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central (Codeplan), os

nascidos no DF já somam 44% da população. Mas um em cada dez dos que nascem aqui é mineiro. Em segundo lugar vêm os goianos, que representam 8% de todos os habitantes, seguidos dos piauienses (6%) e dos baianos (5%).

“Nossa maior característica é o fato de não termos um perfil específico”, sustenta o antropólogo Gustavo Lins Ribeiro, da Universidade de Brasília (UnB). “Brasília nasceu para ser cosmopolita e cumpre sua tarefa de capital federal recebendo gente de todas as regiões brasileiras e do exterior”, diz.

“Somos diferentes das demais unidades da federação, porque, como não temos ‘cidades do interior’,

olhamos para fora, para os outros estados e para o resto do mundo”, continua o antropólogo, para quem não corremos o risco de nos tornar provincianos.

Segundo Gustavo, os elos regionais estabelecidos entre conterrâneos nos primeiros anos de Brasília estão ficando cada vez mais fracos. “Quando os imigrantes candangos chegaram - muitos sem trazer a família - formaram grupos sociais com amigos vindos do mesmo lugar, mas depois veio a geração nascida aqui, que assumiu a cidade como sendo sua”, explica, baseado na estatística que mostra 43% da população como nascida aqui.

O professor dá uma prova con-

creta do conflito entre as duas gerações: “Por causa das comunidades de conterrâneos, surgiu a Festa dos Estados, um evento que hoje perdeu boa parte de sua força, uma vez que os brasilienses já têm uma identidade comum, formada a partir da mistura dos costumes de seus pais”, destaca Gustavo Ribeiro.

Dentre todos os movimentos migratórios ocorridos desde a construção, Gustavo destaca a seca que assolou a Região Nordeste em 1958 como fundamental para a formação étnica de Brasília. “A esperança de emprego, comida e casa no centro da nova capital foi a única saída para milhares que não tinham mais como sobreviver”.

Davi Zocoli



Sorridentes estrangeiras, estudando no DF: a canadense Emma (E), a polonesa Katarzyna, a americana Rachel e a bengali Tanzina